

VÁ LÁ À SUA VIDA

Habituada a catequizar o resto do País, a bolha político-mediática de Lisboa sente-se agora ameaçada pelos trauliteiros militantes do Chega. Querem travar André Ventura? Fácil: antecipem as Legislativas de 2023 antes que seja tarde de mais

Bem-aventurados os que...

AO CONTRÁRIO DO PROFETIZADO POR CRISTO, ESTA TERRA não será possuída pelos mansos, mas sim pelos trauliteiros do Chega. A era da tolerância terminou, o autoritarismo adormecido já não tem vergonha de se revelar publicamente, as redes sociais, onde tudo é discutido numa lógica simplista de "branco e preto", encarregam-se do resto.

Desde a eleição de André Ventura como deputado ficou claro que a bolha político-mediática de Lisboa nunca soube lidar com o fenómeno. Primeiro, tentou ostracizá-lo. Com um doutoramento feito na universidade do duro comentário desportivo, Ventura sabia o que fazer: vitimizar-se, disparar contra poderes ocultos que não querem que a verdade se saiba. Qual verdade? Isso não interessa. Um bom comentador desportivo sabe que basta dizer "vocês sabem do que é que eu estou a falar" para criar empatia com quem ouve.



Subdiretor
Carlos Rodrigues Lima

Num tempo em que a reflexão e o pensamento deram lugar à reação imediata, ao bitaite sobre o nada e o tudo ao mesmo tempo, André Ventura percebeu, melhor do que todos, que não precisa de ser rigoroso na mensagem. Basta-lhe saber interpretar o que o cidadão acha, independentemente de isso constituir um facto. Melhor do que ninguém, Ventura conseguiu dar dignidade parlamentar à conversa de café: "vergonha", "escândalo", "roubo" – entraram no hemiciclo, rompendo a tradição parlamentar do salamaleque. No fundo, e desde Paulo Portas, quando o CDS também era PP, um deputado fala a linguagem de um tipo de português comum, aquele cuja única ideia consistente é dizer que isto está tudo mal e assim não vamos a lado nenhum.

A esquerda, ainda capturada por métodos de reação do passado e carregando a sua superioridade moral, contra-atacou com a mesma agressividade verbal: fascista, xenófobo, racista, até com Ana Gomes a dizer que não daria posse a um governo com o Chega. Tal como não se consegue debater ideias

com um militante do Chega, também este discurso causa confusão a muitos cidadãos, que o encaram como uma reação autoritária da tal "bolha" da capital de um partido que até se encontra legalizado pelo Tribunal Constitucional.

Depois dos 500 mil votos nas Presidenciais não há muito a fazer: com uma pandemia que impede o Governo de tentar melhorar as condições de vida das populações, afastando-as do discurso catastrofista do Chega, só há uma forma de impedir o crescimento do partido de André Ventura: antecipar as legislativas de 2023, antes que Ventura e o Chega aproveitem as próximas autárquicas de Outubro para consolidar bases locais de apoio, que serão fundamentais em eleições legislativas. Com uma rede montada no poder local, a caminhada para as legislativas ficará mais facilitada para o Chega, que nem precisará de apresentar um programa. Bastar-lhe-á dizer que o que os outros propõem está errado do princípio ao fim.

Os partidos do regime não sabem o que fazer: no CDS, Francisco Rodrigues corre um sério risco de se tornar a Carmelinda Pereira da direita, o PSD vai sofrer uma erosão com o Chega. À esquerda, António Costa sorri: se, no início, estava refém do PCP e do Bloco, agora são estes dois partidos que necessitam do PS para sobreviver e travar o crescimento da extrema-direita populista.

O Chega e Ventura jogam muito na vantagem da virgindade política: não têm casos judiciais à perna, não têm antigos dirigentes condenados a penas de prisão, nem outros envolvidos em processos judiciais, que se arrastam eternamente. Um dia, e à medida que o seu poder for crescendo, também terão. É da natureza das coisas e a sedução do poder, o dinheiro por baixo da mesa para a conta pessoal ou para o partido vai contaminar os dirigentes do Chega, contaminou outros. Afinal, todos temos contas para pagar. O poder corrompe. E a vez do Chega chegará. □

